

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC)

## Os Correios para toda família

História de [Edilson Xavier de Almeida Júnior](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 02/09/2013

---

P/1 – Quería que você começasse, por favor, com seu nome completo, local e a data do seu nascimento.

R – Edilson Xavier de Almeida Júnior, nascido em São Paulo no dia 05/03/1986.

P/1 – E o nome dos seus pais?

R – Zilda Pereira Gonçalves e Edilson Xavier de Almeida.

P/1 – E o que seus pais fazem? Ou faziam?

R – Minha mãe era empregada doméstica. Hoje ela aposentou por conta. Aliás, ela não aposentou ainda, mas ela parou de trabalhar pra poder descansar. Meu pai sempre trabalhou no ramo de motorista, hoje ele tá desempregado. Ele faz bico.

P/1 – E a sua família, qual a origem da sua família? De onde vieram?

R – Os meus pais vieram da Bahia, os dois são baianos. Se conheceram em São Paulo e constituíram a família aqui. E nós somos nascidos aqui em São Paulo, todos.

P/1 – E você sabe como eles se conheceram? Seus pais?

R – Foi por meio de uma tia minha, uma irmã do meu pai que conhecia minha mãe e apresentou dos dois e daí por diante formaram a família.

P/1 – Você conheceu os seus avós?

R – Só o meu avô paterno e minha avó materna. Meu avô eu conheci quando ele tava muito doente e meu pai trouxe ele da Bahia pra cuidar dele. Daí um tempo depois ele faleceu. A minha avó conheci também já tava bem velhinha e ela tava esclerosada, tadinha, velhinha. Aí ficou rapidinho, meia hora na minha casa, voltou. Ela mora no Paraná hoje, com os irmãos do meu pai.

P/1 – E assim, os seus irmãos. Quantos irmãos? Quem são seus irmãos? Quería que você me falasse um pouco.

R – Tenho quatro irmãos. Dois deles trabalha nos Correios, Karina e o Andre, a Maísa é professora e tem o Adriano que é publicitário.

P/1 – E como que era na sua infância. Você lembra do bairro onde você morava? Como que era?

R – Lembro. Era bem humilde, inclusive conhecido aqui em São Paulo, favela, né, periferia. A gente brincava na rua, jogava muita bola, brincava as brincadeiras da época, esconde-esconde. Não tinha tanta informatização como tem hoje, né. Computador não sabia nem o que que era e a minha vida era jogar bola, futebol, sempre futebol.

P/1 – Você tinha um sonho quando você queria crescer, o que que você queria ser?

R – Primeiro o meu sonho era ser jogador de futebol. Depois que a vida foi tomando outro rumo, fui seguindo mais em direção aos estudos, então foi crescer profissionalmente, né? Trabalhar, ser formado administrador e aí consegui, né?

P/1 – E que memórias que você tem da sua casa, do seu lar, no dia a dia com os seus irmãos, sua família? Como que é?

R – A minha casa era pequena, uma casa mal acabada, coitada, entendeu? Eu passei lá esses dias, tava do mesmo jeito. A gente dormia no mesmo quarto. Era um quarto, dormia os cinco irmãos, né, quarto pequeno. E era uma brincadeira o tempo todo, principalmente com os meus dois irmãos homens, né? Sempre acaba levando mais pro lado, a brincadeira mais pro lado do masculino, né, criança, mais carrinho e boneco. Minhas irmãs também. Eu sempre fui o meio termo. Meio irmão e meio irmã. Eu sou o filho do meio, aliás, meu irmão André é o do meio, só que eu só que sou um pouco menina, né? Não é que eu sou mulher na verdade, mas eu me identifico com as minhas irmãs e com os meus irmãos. Então eu tô no meio termo. Sempre foi assim.

P/1 – O que que você gostava de fazer com as suas irmãs?

R – Conversar, sempre converso com as minhas irmãs, principalmente a Karina. Desabafar, essas coisas, é com a Karina. Com as minhas irmãs e com a minha mãe. Com meus irmãos é mais videogame, sempre jogar videogame, futebol e brincar na rua, carrinho e tal. Pra minhas irmãs é mais conversa, diálogo.

P/1 – Bacana. E assim, você tinha amigos? Como é que era no seu bairro?

R – Tinha vários, na rua, no bairro. A gente chamava o pessoal que morava na parte de baixo que era a gente, né, periferia e da parte de cima que era o pessoal que tinha mais, é classe média, né? Então eu misturava com todos, sempre misturei com todos, brincava com todo mundo, sempre do lado do futebol. Futebol era a minha vida.

P/1 – Em que posição você jogava?

R – Zagueiro. Até pela minha altura. Eu sempre fui mais alto do que os meninos da minha idade, então eu era zagueiro. Era bom de bola também, joguei bem já. Tô sedentário agora.

P/1 – Tá sedentário?

R – Tô sedentário, precisando praticar um esporte.

P/1 – Bacana. E assim na escola Edilson, como que foi? Você se lembra da sua primeira escola?

R – Lembro da escola. Foi praticamente, minha vida escolar foi praticamente toda nessa escola. Colégio Mamma, no Embu. Eu sempre me dei bem, sempre fui muito estudioso. Eu e todos os meus irmãos também. Sempre era o destaque da sala, sempre os mais inteligentes. Inclusive eu, por pouco eu não participei de uma olimpíada de matemática. A professora ia inscrever eu e mais uma aluna da minha sala, só que ela perdeu o dia da inscrição, não consegui, mas eu sempre fui muito estudioso. Todos.

P/1 – E como que é no dia a dia na sua casa? Vocês estudavam sozinhos? A sua mãe ajudava? Como que era?

R – Assim, a minha mãe sempre trabalhou fora, né? Então ela não tinha... E também meus pais tiveram pouco estudo, então eles não sabiam assim direcionar e ensinar, né, fazer a lição junto, mas sempre incentivava pra gente estudar. Sempre incentivou pra gente estudar. A gente sempre estudava, lia, a gente lia muito. Eu, principalmente, lia muito. Hoje eu tô lendo menos, até porque tô mais ocupado, né? Mas sempre estudava sim em casa.

P/1 – E o que você gostava de ler?

R – Eu gostava de ler tudo, principalmente filosofia. Filosofia, sociologia, um lado mais... Mexia mais com o pensamento, algo que pensasse mais. Uma coisa que fosse assim de pensar, fizesse eu pensar.

P/1 – Legal. E teve algum professor que foi marcante pra você na sua fase escolar?

R – Vários. Geralmente o professor de matemática. Eu gostava muito de matemática. Professora Helena, de matemática. Professor Guilherme, de matemática. Acho que foram os dois que eu destaquei mais, até porque eu pensava em ser professor também. Depois do sonho de ser jogador de futebol, era ser professor de matemática, mas hoje, por exemplo, eu não pratico tanta matemática, né? Só a matemática do dia a dia. Mas naquele tempo eu estudava muito matemática e gostava muito dos meus professores de matemática. Sempre foram muito bons.

P/1 – E tem alguma história assim que você se lembra, algum fato curioso que tenha sido marcante pra você nesse período escolar da sua vida?

R – Fato curioso? Eu acredito que foi mais essa olimpíada de matemática, né, que por pouco eu não participei.

P/1 – Como que foi assim? Conta um pouquinho.

R – Então, ela pegou até... acho que tinha uma fotografia nossa, pegou nossos dados pra fazer a inscrição, só que chegou no dia: “Aí ó tia, a inscrição foi até ontem”. No dia que ela foi ela não conseguiu inscrever a gente. Inclusive eu era da sétima série nesse tempo e os alunos que participavam dessa matemática eram da oitava, então pelo destaque que a gente tinha em matemática era eu e uma aluna. O nome dela era Adriana, é descendência japonesa. Muito inteligente também. Acho que foi o que me marcou. Eu sempre penso nisso. Sempre queria ter participado dessa olimpíada. Pena.

P/1 – E na sua adolescência, a sua juventude, como é que era? O que que você gostava de fazer? Você gostava de festa, sair?

R – Não, nunca fui muito de festa não. Gostava de rap, fui em um ou outro showzinho de rap e gosto até hoje, né, uma letra política. E a gente, eu fui muito pro lado do estudo, né? Eu fiz o magistério, terminei meu ensino médio numa escola de magistério, fiz o cursinho pré-vestibular. Na época na faculdade de medicina da USP, os próprios alunos da USP davam aula no cursinho, né? Então eu estudava o dia inteiro, na adolescência, no magistério que era das sete da manhã às cinco da tarde. Quando era sete da noite eu entrava no cursinho pré-vestibular e ficava até 11 horas. Inclusive eu e o Andre, fazia junto. Isso foi dos 15 a 17 anos, por aí mais ou menos. Quinze, 16, 17. Não, 16 e 17 anos.

P/1 – E namoro, assim? Qual foi o seu primeiro namoro? Você lembra?

R – Ah, foi bem bobinho. Foi inclusive no magistério, uma colega minha, o primeiro beijo na boca, né? Eu tinha uns 15 anos, 15 – 16 anos. Comecei tarde.

P/1 – E você tinha bastantes amigos?

R – Tinha, sempre tive, tenho até hoje muitos amigos. Sempre fui de me relacionar bem com as pessoas.

P/1 – Que que vocês costumavam fazer, você e seus amigos?

R – Nós ia na casa do outro assistir um filme, né? Não era muito de estudar em grupo. Era mais de viver um na casa do outro, assistir um filminho. Na minha casa era difícil ir porque a casa era pequena, né, sempre tava na casa dos meus colegas, principalmente colegas mulheres, porque eu fiz magistério então tinha muita colega. Tenho até hoje, né, muita colega. Então a gente ia lá, assistia filme, basicamente isso. Não era muito de ir em show, de baladinha, essas coisas, eu nunca fui.

P/1 – E o rap assim, o que que você costumava ouvir? Você ia ver shows? Como é que...

R – Fui em alguns shows, mesmo na cidade que eu morava, né, Embu das Artes, fui em alguns shows de rap, né? Vi Racionais, RZO, né, que tá até hoje, MV Bill. Eu sempre gostei, mas não fui muito de vestir roupa de rap, de boné, eu nunca fui disso não. Sempre fui bem autêntico.

P/1 – Legal. E trabalho, Edilson, como era o seu primeiro trabalho?

R – Meu primeiro trabalho foi no sacolão. Eu estudava à noite, estava estudando à noite, trabalhava de dia. De dia eu ia pro sacolão, era o mesmo bairro que eu morava, e à noite eu estudava. Depois do sacolão fui pra uma marcenaria. Isso, do sacolão, acho que tinha 15 anos, tava no primeiro ano do ensino médio. Aí eu fui trabalhar numa marcenaria, trabalhava... no mesmo ano. Fui pra marcenaria – eu fazia acabamento em móveis, móveis rústicos, e fazia o acabamento. Fiquei também uns seis meses lá. Aí de lá eu fui pro magistério que eu estudava o dia inteiro, aí não deu pra trabalhar mais. Aí do magistério eu já entrei nos Correios. Fiz o concurso. Fiz o concurso com 17 anos, e eu fiz a prova com 17. Quando me chamaram eu já tinha 18, pra poder assumir. Aí foi meu primeiro emprego registrado.

P/1 – E esse primeiro emprego seu que você teve, você se lembra do seu primeiro salário, o que que você fez? Na época do sacolão?

R – O que que eu fiz? Eu ajudava em casa, sempre ajudei em casa. Era um salário mínimo que eu ganhava, era merrequinha, ganhava duzentos e alguma coisa. Duzentos e poucos reais. Eu ajudava em casa.

P/1 – E pra entrar nos Correios como que foi? Você teve que estudar bastante?

R – Então, como eu já estava fazendo cursinho, estava a ponto de bala, né? Inclusive era pra fazer vestibular. Pretendia entrar na USP. Só que surgiu aí o ProUni que é um projeto pelo Enem, você consegue uma bolsa, né? Aí eu fiz a bolsa. Tava, naquele tempo que eu prestasse concurso eu passaria. Aí eu prestei o concurso nos Correios, porque a Karina já tinha entrado nos Correios. Eu prestei o concurso, fácil, passei, inclusive eu fiquei em décimo sétimo na classificação. E se eu não me engano, o André ficou em quinto. Aí teve um outro irmão meu que fez também, ficou em segundo lugar, só que aí ele foi reprovado no exame médico, né? Mas na prova ele ficou em segundo lugar, o Adriano que é publicitário.

P/1 – Puxa, que família de...

R – É. sempre estudioso, realmente.

P/1 – Bacana. E como você se sentiu quando você soube que você tinha entrado nos Correios?

R – Nossa, é alegria total, né, até porque a gente precisava ajudar meus pais que sempre trabalharam muito e foi quando a época quando a minha mãe comprou um terreno na cidade de Cotia, que é onde a gente mora agora. Então eu fiquei muito contente. Minha mãe também, então vixe, nem se fala. Porque entrou eu e o André na mesma época. Ele entrou em Julho de 2004, eu entrei em Setembro. Então muita alegria. Contente! Muito contente. Meu primeiro emprego registrado, nos Correios ainda, né? Empresa nacional.

P/1 – Quer dizer que sua mãe comprou um terreno nessa época então?

R – Foi nessa época. Na verdade ela tinha comprado, eu ainda estava estudando no magistério. Eu e o André ainda, então... E a Karina inclusive estava desempregada nessa época. Foi um sufoco. Quem tava ajudando foi só a Maísa que tava trabalhando como agente de saúde, não tinha sido professora ainda. Então aí passou uma dificuldadezinha, uns dois anos, aí a gente entrou nos Correios, né, aí foi quando a gente pode ajudar em casa. Aí meu salário era praticamente todo lá.

P/1 – E como que é essa ajuda? Essa casa, como é que é? Ela tá sendo construída, como que...

R – É, ela tá sendo construída. Já faz alguns anos que ela tá sendo construída, mas acredito que esse ano ela termina. Termina esse ano. É um condomínio, bonito, um lugar bom, tranquilo. Minha mãe sempre quis morar num lugar assim.

P/1 – E a casa? Como que é a casa que vocês pensaram?

R – Grande. Era pra ser um quarto pra cada um. Hoje não tem todos os quartos ainda, mas até o final do ano acredito que saiam todos os quartos. Mas aí já casei, né, tenho uma filhinha de três meses, inclusive a minha esposa trabalha nos Correios também, né, e a casa vai ficar pros meus irmãos porque a Karina vai casar também, no ano que vem. Vai ficar um quarto pra cada um. A casa é enorme. Dois banheiros, duas salas, cinco quartos, quintal grande, né, é bem diferente do que a gente morava quando era criança.

P/1 – E como é que foi ser pai pra você?

R – Nossa, muito... Eu sempre quis ser pai só que eu nunca quis me antecipar à época que eu pudesse ser pai, né? Mas eu sempre gostei de criança, até pelo curso de magistério que eu fiz. Fiz estágio dois anos, então adoro criança. Vixe, a minha filhinha é linda, fofinha e adoro ser pai. Amo minha esposa também.

P/1 – Que bom, nossa. Tô quase ficando emocionada aqui, Edilson.

2ª parte – Três irmãos

R/1 – Edilson

R/2 – Karina

R/3 – André

P/1 – Bom, então queria que cada um contasse um pouquinho que faculdade resolveu fazer, e por que você escolheu essa faculdade? Quer começar, Edilson?

R/1 – Então, a minha faculdade foi o seguinte. Eu fiz a inscrição no ProUni, como eu havia dito, e na faculdade mais próxima de casa eu quis me inscrever pra matemática. Aí eu mês inscrevi em outras em matemática e na faculdade mais próxima de casa não tinha. Eu fiz, relacionado ao que eu gosto, eu me inscrevi pra administração. Aí eu fui selecionado nessa bolsa pra administração na faculdade mais próxima da minha casa. Aí eu comeci, gostei né, e pretendo seguir carreira.

P/1 – Legal. E você Karina?

R/2 – Eu sempre gostei de esportes, desde criança e também me inscrevi pro ProUni, ganhei a bolsa de educação física, terminei, tô contente com ela, não quero parar por aí. Só que vou fazer uma segunda faculdade, totalmente diferente da educação física. Eu quero agora assistente social.

P/1 – Você pretende trabalhar com isso?

R/2 – É, eu gosto de trabalhar com pessoas, né? Eu quero assim trabalhar mais próximo, bater um papo, conversar, poder ajudar, ajudar mesmo os problemas de outras pessoas na base da conversa.

P/1 – Legal. E você, André?

R/3 – Então, eu como falei pra você não eu não tinha um sonho específico de alguma coisa quando eu era criança. Então foi difícil pra eu decidir. Eu entrei na faculdade, aí eu desisti. Eu entrei em outra, aí eu como já estava nos Correios decidi fazer logística que é o foco da empresa pra eu poder continuar na empresa. Primeiro tive que fazer na área de edificações, depois área de mecânica, aí depois eu optei pela logística.

P/1 – E você se formou?

R/3 – Hum hum (Sim)

P/1 – E quem foi o primeiro que acabou entrando nos Correios?

R/2 – Eu fui a primeira. Primeira depois eu trouxe os dois. Então como eu tinha dito, eu sempre admirei assim os Correios, os carteiros principalmente que... o contato, né, foi com os carteiros. Sempre admirei e tinha amizade também por correspondência e a rapidez com que as cartas chegavam, que via o carimbo no selo. Postava um dia anterior, chegava no dia seguinte. Falei: “Nossa, mas é muito rápido”. Aí conversando com um carteiro aqui, outro carteiro ali, falei: “Ah, vou prestar o concurso. Prestei o concurso, entrei na Empresa, os meninos também gostaram. Eu falava muito bem da empresa, aí os dois vieram junto.

P/1 – Quer dizer, você foi se informar do concurso com os carteiros?

R/2 – Com os carteiros. Perguntei, o carteiro na rua, na época na onde eu trabalhava, perguntei pra ele quando que era o concurso. Ele falou: “Em Abril”. Falei: “Você lembra o dia?”, falou: “Não lembro, acho que é 27 de Abril, mas eu não tenho certeza”. Mas depois falei: “Isso aí já é de menos, né?”. E onde eu morava também, que eu perguntava para o carteiro que atualmente é meu namorado, ele falou: “Vai abrir, eu sei que vai abrir, mas acho que no mês que vem”. Aí já fiquei atenta, procurei em revista de concursos, para ver a data certinha, fiz e passei.

P/1 – E como é que a irmã convenceu vocês?

R/3 – Muito fácil. Não, não é que convenceu. Ela ficava falando e a gente resolveu também entrar, né A gente estudou na mesma unidade que a gente entrou também.

R/2 – Ah é.

R/3 – O CDD era pequeno. Na mesma unidade.

P/1 – Vocês três?

R/3 – Não, eu e ele. O dela era próximo, mas a gente estava na mesma unidade quando a gente entrou no correio.

P/1 – Vocês começaram juntos?

R/1 – Juntos.

R/3 – Começamos juntos.

P/1 – E hoje?

R/3 – Ah, hoje... Depois eu fui pro CDD de Alphaville. Aí quando eu passei pra essa função... Agora eu tô no CEE Jardins.

P/1 – E vocês se lembram assim o que vocês aprenderam, a primeira coisa que vocês aprenderam? Como que foi?

R/1 – Assim, apesar da Karina já ter trabalhado nos Correios, eu ainda não tinha noção que tinha que fazer a separação das correspondências antes de ir pra distribuição. Aí foi primeiro...

R/3 – A maior parte do tempo era separando correspondências. A entrega é só à tarde. A maior parte do tempo a gente ficava separando as correspondências.

R/1 – Aí depois é diferente. Quem tá de fora, a maioria nem imagina isso, acha que você chega e vai pra distribuição.

R/2 – É, não imagina que a gente faz parte de todo o processo, né? Desde o começo que é separar por bairros. Depois cada carteiro vai, arruma seu distrito, pra poder fazer a distribuição. E quando a gente entra acha que vem tudo prontinho. Pegar a bolsa e ir pra rua.

R/1 – Decorar rua, decorar numeração.

R/3 – Decorar nome. Decorava... O distrito que eu fazia geralmente eu várias vezes me mandaram fazer favela. Aí na favela tem muita numeração repetida, então você tem que decorar nome. Eu decorei tanto nome

R/2 – Verdade.

R/3 – Decoro, eu sei o nome de todo mundo por nome assim. Às vezes você não sabe nem quem é a pessoa, mas você sabe o nome de todo mundo da rua, do bairro.

P/1 – E teve alguma dificuldade assim que vocês se depararam nessa função?

R/2 – Eu muito com cachorro. Cachorro assim, nossa, é o que todo mundo fala mesmo. Na hora que o carteiro chega na porta, já vem a cachorrada. A gente chega porque a região deles, eles tomam conta, acho que vêm a gente como inimigo, né? Fui mordida várias vezes. Você

também né, Dé?

R/3 – Eu já fui mordido, não várias vezes, umas três vezes, mas eu nunca fico cismado não. Mas é coisa leve. Uma vez mordeu o braço aqui.

R/2 – Mordeu seu braço, Dé?

R/3 – Mordeu. Outra vez pegou aqui o cachorro e outra vez mordeu o calcanhar. Eu nunca fui cismado não, os pequeninhos gosta de ficar. Agora o que pegou meu braço aqui era um grandão. A caixinha do correio da pessoa era dentro assim do portão, eu não percebi que tinha um cachorro deitado ali. Aí enfiei o braço assim, o cachorro puxou. Mas eu estava de blusa nesse dia, estava frio. Sorte que estava frio. Ele pegou mais a blusa, rasgou a blusa e só pegou a pontinha dos dentes no braço.

R/1 – Eu nunca fui mordido. O que eu achei mais complexo foi na caminhada. Apesar que eu jogava futebol, sempre joguei, não senti muito cansaço. O que eu achei estranho era o seguinte: no correio, o carteiro ele carrega a bolsa dele e em locais estratégicos ficam correspondências, porque ele terminou o que tá na bolsa, ele carrega a bolsa de novo. Então quando ele terminava a bolsa, falou: “Acabou agora?”, ele falou: “Não, calma que tem mais aí”. Ele pegava outra.

R/2 – Enchia a bolsa de novo.

R/1 – “Toma aqui tem mais”, falou: “Aí acabou?”, “Acabou não”. E o carteiro que me ensinou, inclusive tenho uma consideração por ele, ele era um pouco estressado e ele fala engraçado, ele: “Ô primo, não é não, é na mercadoria, volta lá...” (risos) Nossa, mas eu gosto, gosto dele.

R/2 – Eu também.

R/3 - Eu dei sorte. O carteiro que me ensinou, o primeiro, totalmente calmo, sossegado, era paciente, explicava direitinho, o Altenberg ele explicava direitinho, era calmo pra caramba. Ele já me deu essa sorte.

R/2 – Ah, nem eu. Eu também não. Ele fez um mapa pra mim, arrumou a bolsa, o distrito, falou: “Vai pra rua. Qualquer dúvida você liga” (risos) Eu aprendi rapidinho.

P/1 – E assim, como é a relação - vocês já falaram como é a relação com os cachorros. E a relação com os moradores? Com o público, né, não sei como vocês chamam. Ou com os porteiros de prédio? Como que é?

R/1 – A gente estreita a relação com o , a gente chama de cliente. Um cliente tinha residências lá na região onde eu fazia distribuição e tinha uma senhora que todo dia ela vinha com suco de goiaba pra mim, natural, porque lá no quintal – ela era empregada lá na residência, e no quintal tinha um pé de goiaba. Todos os dias ela vinha com um copo de suco de goiaba pra mim, bolo. A gente não podia parar em todos os locais assim, não conseguia fazer a distribuição, mas a relação é muito estreita com o cliente.

R/3 – É, área residencial a gente tem muito contato direto com a pessoa. Eu tenho experiência em aérea residencial, mas eu já entreguei conta lá no Alphaville, entreguei bastante área comercial. É um pouco diferente que sua relação é só com aquela pessoa que tá te atendendo ali e ele tá trabalhando também então não tem, não é tão estreito. Você conversa um pouquinho, tem uma certa intimidade, mas não é como uma área residencial, né, que é outra historia. Teve um distrito que eu fazia, que tinha uma senhora, ela morava sozinha. Isso aí é chato, mas quando eu passava na frente da porta dela, ela vinha assim, aí conversar com você. Você tá com vontade de ir embora, terminar pra ir embora, ela falava uns 20 minutos, mais que a Karina – , ela falava. Ela era gente fina, mas tinha hora que você estava com um pouco de pressa, aí quando ela fazia assim, eu fazia de conta que eu não ouvia às vezes e ia embora. Quando eu estava com tempo eu parava, mas quando eu estava com pressa assim, com alguma coisa pra fazer, aí eu fazia de conta que não estava vendo e ia embora, mas ela era legal.

R/2 – É, tem que selecionar um cliente por dia, porque senão a gente cumprimentar bom dia, boa tarde, mas não dá pra parar que se deixar mesmo, fica meia hora, 40 minutos, uma hora batendo papo. E não dá, não dá tempo, mas o carinho é muito grande. Que nem os meninos falaram, os pedaços de bolo separado, o suco já separado, a fruta. Tinha uma que era sempre. Ah, nunca esqueço, Dona Midores. Sempre

P/1 – E aí vocês param e comem?

R/2 – Era maçã, todo dia. Só que era correria. Ela me via, a maçã já estava lá dentro da caixinha de cartas. Eu abria a caixinha por trás, pegava a maçã, colocava na bolsa e ia. Todo dia estava lá, a maçã separada.

R/1 – Deve ser por isso que a imagem do carteiro é magrinho, né? Tem muito carteiro barrigudinho.

R/3 – Quando eu entrei nos Correios não era assim não. Eu não fiquei assim depois que eu parei de trabalhar na rua, mas trabalhando na rua mesmo fui engordando quando eu estava trabalhando andando. Aí quando eu parei de andar eu até estabilizei mais ou menos no peso. Diferença pouca, mas a época que eu engordei mais quando eu andava todo dia.

P/1 – E quantos quilômetros que vocês andam por dia?

R/3 – É bem variado. Relativo, depende da região.

R/1 – Dez, 15 quilômetros.

R/2 – É, depende do distrito, da região.

R/3 – É, quando eu trabalhava no Rio Pequeno eu andava bem mais, que eu trabalhava, mais ou menos uns cinco ou dez mais ou menos.

R/1 – Uns cinco ou dez.

R/3 – Quando eu fui pro Alphaville, como tem bastante prédio, eu ia em condomínio, aí eu andava bem menos. Tinha distrito que eu fazia três ruas, quatro ruas. Era bem menos. Mas era mais cartas, mas andava bem menos.

R/2 – Em Vargem Grande mesmo são o que? Quinze quilômetros, 13 quilômetros. Por quê? Porque a área é mais rural, né? Que é próximo já do interior. É a última cidade já antes do interior. Então tem muitas chácaras, as casas são muito distantes, os terrenos são grandes. Então você entrega um ponto e anda metros e metros. Entrega outro ponto, então uns 15, 13, 14 quilômetros.

P/1 – E vocês se sentem respeitados como profissionais?

R/2 – Ah, muito.

R/1 – Sim.

R/3 – Sim. Respeitados e admirados.

R/1 – Muito admirados. Tá de uniforme, é tratado de outra forma.

R/2 – Confiança, abrem a porta, convidam a gente pra entrar. “Não, entra, entra. Senta na sala. Vou pegar alguma coisa.” Então é assim, é confiança mesmo. O respeito é muito grande.

R/1 – Até por que quem faz a distribuição nos Correios é quem leva a imagem nos Correios pros clientes, né? Principalmente a área residencial. Então essas pesquisas de como que se diz? Confiabilidade, nos Correios estão ali praticamente equivalente aos bombeiros.

R/3 – Não só residencial. Você vê empresa. Tem empresa que é aquele esquema de segurança todo. Aí você chega com essa camiseta assim, eles já vão abrindo a porta pra você.

R/2 – Banco.

R/3 – Banco, sem olhar e já chega e já desliga o negocinho, você já entra direto. Não precisa ter aquela burocracia. Você tem aquela confiança, o correio tem aquela confiança. Pros outros tem outro tipo de recepção, pra gente é diferente.

P/1 – E assim, tem alguma história marcante pra vocês que vocês tenham vivido nesse período, engraçada, curiosa, que vocês gostem de contar? Não sei se pode também, mas enfim... Tem, assim?

R/3 – Engraçada tem.

R/2 – Tem várias.

R/3 – Já aconteceu de rasgar minha calça na rua. Às vezes dependendo da calça, tá mais apertada, se dá um passo maiorzinho... Já aconteceu, rasgou minha calça, ter que amarrar a blusa ou colocar a blusa por dentro. Você tem que terminar o serviço.

R/1 – Teve uma senhora, eu lembro até o bairro, no Jardim Brasil, São Paulo. Eu descia do ônibus e em frente o ponto de ônibus tinha um bar. Nesse bar eu deixava algumas correspondências pra não carregar o peso. Aí entrei, inclusive eles nem sabe disso, né, vai descobrir agora. Entrei no bar, estava tirando as correspondências, uma senhorinha chegou por trás de mim e pegou na minha bunda. Aí ela falou assim: “Nossa e tá durinha ainda, porque o nosso carteiro tá ficando velho, já não tá essas coisas”. Falei: “Caramba”. Levei um susto, né? Ah, mas eu já conversava com eles, o pessoal da região mesmo, mas foi engraçado. Eu era um menino, acho que uns 21 anos.

P/1 – E, eu sempre fico curiosa. Vocês têm dificuldade muitas vezes de ler o endereço pela caligrafia das pessoas. Existe isso? Já teve alguma história?

R/3 – Isso é mais carta, né? Agora tem pouca carta. A maioria é fatura, já vem impressa. As cartas...

R/2 – É, foi substituída pelas redes sociais, né, mas já aconteceu comigo do endereço tá bem... Pelo endereço não consegui identificar, mas pelo nome sim. Às vezes o que eu pego, começo a desenhar em cima da letra do cliente, a gente vê o nome e o sobrenome. E já consegue identificar qual é o endereço, mas aconteceu bastante.

R/3 – Mas mesmo carta impressa vem com vários erros. A gente já vai porque a gente sabe. Tem bastante coisa errada, mesmo impressa, não só

escrita à mão.

P/1 – Pra você já teve alguma situação?

R/1 – Tem porque aquela cartinha social tá ficando em desuso, né? Ainda utiliza as regiões mais precárias, mas tá ficando em desuso. E essa questão, pelo nome, você vai pelo nome, sobrenome, e às vezes a pessoa na rua vai tá saindo e indica a casa pra passear, você já sabe quem era e entregava a correspondência na mão.

R/3 – Eu gostava quando encontrava a pessoa na rua quando era carta de viela. Eu já via: "Ah, você tá aqui?", não precisava nem entrar, já ia direto, aí já ganhava um tempinho. Aí era bom.

R/2 – E quando vem com endereço, né? Que nem cartas sociais, muitas vezes vem sem endereço, você levava pelo nome.

P/1 – E encomendas, telegramas é usual vocês entregarem também?

R/3 – A gente já trabalhou em CDD, a gente entregava carta registrada assim, entregamos não muito, mais era carta mesmo. Encomenda é uma caixinha pequena, porque o setor de entrega de encomenda é o CEE. Agora eu trabalho em CEE. Lá só vem caixa, né? Você trabalha na entrega só tem caixa assim. Aí é outro tipo de serviço. O cara trabalha no carro, vai com motorista particular, entrega.

R/2 – Na minha unidade tem, tem bastante encomenda. Encomenda e telegrama lá na região de Vargem Grande, até por ser um município distante, então é muita coisa pela internet. Compra muita coisa pela internet. É muita encomenda. Que nem o Dé disse, vai pelo carro, não tem como a gente colocar uma caixa dentro da bolsa, vai pelo carro. Mas com a internet, até a gente achou que a internet ia diminuir até o nosso serviço. Pelo contrário, com a internet aumentou muito porque compra, a gente vai entregar.

R/1 – E nós quando carteiro pedestre, dificilmente leva telegrama ou encomenda. O Andre e a Karina aqui foram carteiro pedestre, dificilmente. Eu fui motociclista também. Eu fui carteiro pedestre, fiz um concurso interno pra motociclista, então entreguei muito telegrama e telegrama é complicado. Pra qualquer região, então. Tinha um plantão telegráfico no domingo, domingo não tem entrega de correspondência, tem só de telegrama. Então ia o motociclista, mesmo sem conhecer a região. Então a gente ia com o Guia na mão lá entregar. Igual motoboy, a mesma coisa.

R/2 – Ah, é verdade. Que o telegrama não foca só naquele bairro. Às vezes tem um telegrama aqui nesse bairro e tem outro telegrama em outro bairro, que ele faz toda a região.

R/1 – Porque telegrama é urgente, né? Geralmente é prazo de quatro horas, então você tem que ser moto. Moto que é mais flexibilidade de transporte.

P/1 – E chegava?

R/2 – Chega!

P/1 – E como é que é na casa assim de vocês, quando vocês chegam todos uniformizados. E a mãe de vocês?

R/2 – Ah, a mãe... (riso) Fala aí da mãe.

R/1 – Agora que eu passei pra gerente, né, fiz o processo seletivo pra gerente. Nossa! Minha mãe praticamente quase chorou no telefone.

R/2 – Foi que ele ligou primeiro pra mãe pra falar.

R/1 – Quando acontece alguma coisa assim, primeiro eu ligo pra minha mãe. Ela tá muito contente. Karina agora também passou pra supervisora.

R/2 – Foi

P/1 – Supervisora do que?

R/2 – Supervisora operacional. De CDD, de distribuição. Passe também no RE pra supervisora. Já era pra ter começado a fazer o curso, já pra assumir uma unidade, mas devido a necessidade da unidade, então jogou meu curso pro dia 29 já pra mim começar a assumir e ficar no lugar do meu irmão, quem sabe a gente trabalha junto e eu viro gerente.

R/1 – Quem sabe?

R/2 – É, já pensou que legal, né? (risos) Então. A minha mãe ficou muito contente, nossa, quando a gente entrou no correio minha mãe que alegria. Que alegria quando a gente chegava com a roupa, né Júnior? Agora mais ainda. Cada vez que passa, dá mais orgulho pra mãe, né Dé?

R/3 – Outra curiosidade que eu encontrei uma vez, eu estava prestando serviço no setor internacional. Então lá vem diversas coisas, a gente vê de tudo. Eu estava passando uma caixa lá no raio X, aí apareceu aquele formato assim diferente, a gente ficou olhando o que que é, aí aquela cabeça aqui embaixo... (risos)



R/2 – Credo André, que vergonha.

R/3 – Não, primeira vez que eu vi eu estranhei, mas depois eu vi passando mais um monte. Vinha bastante dessa coisa aí. O pessoal tá comprando bastante.

P/1 – E compra pela internet.

R/3 – É, e tá comprando bastante, Tem que vim de outros países, que lá no internacional compra vem é de outros países, vem importado.

R/2 – Mas sabe do que ele tá falando, né?

R/3 – Aí você vê o formato direitinho do objeto.

R/1 – Quer dizer que o correio entrega de tudo, sem exceções.

R/3 – Entrega de tudo.

P/1 – Quer dizer então, quando chega esse tipo de encomenda, passa por um raio X?

R/2 – Essa é a função dele, que ele era pedestre, ele prestou esse recrutamento interno pra essa função, né, Dé?

R/3 – Mas o que tá aqui no país não é passado. Tem aquela porcentagem que é passado, não é tudo. O que é internacional, aí tem que passar tudo. Aí como eu trabalhei um mês no setor internacional, eu passei de tudo. Aí você vê bastante. Agora na minha unidade mesmo, você tem aquela porcentagem que passa. Aí não sai muita coisa diferente não, mas lá... Nesse um mês que eu trabalhei lá, eu vi muito mais coisa que de dois anos que eu trabalho na minha unidade, lá vi bastante coisa.

P/1 – E teve alguma carta assim, social que vocês chamam, alguma carta em especial que tenha emocionado vocês, sei lá, pelo envelope, alguma coisa assim?

R/2 – Já, já teve, vou até mudar um pouquinho. O Papai Noel dos Correios, não sei se a senhora já ouviu falar? Aí tinha uma cartinha, ai cartinha linda, nossa! Teve assim duas, de todas as cartas que é assim, a gente lê, né, tem aquela equipe que, assim, colaboradores, quem quiser ler as cartinhas, a gente identifica, numera as cartinhas, né. Depois vem as pessoas e adota a carta. E tinha uma que tinha a menina pedindo, ai... - essa eu adotei, menina não, menino pedindo: “Papai Noel, onde eu moro a gente não tem dinheiro, a gente não tem condições”, que ele mandou como social. Então eu gostaria muito que o senhor desse pra gente um panetone, porque a gente adora panetone, só que minha mãe não pode comprar. Também ela não pode comprar nas Casas Bahia porque ela tem o nome sujo” (risos). Essa carta aí eu me emocionei muito, nossa. Eu peguei e adotei, até a gente comprou uma cesta, né, pra dar pra essa criança. E teve outro também, o menino falando da avó: “Papai Noel, essa aí é a receita da minha avó. Ela fez exame de vista só que ela não pode comprar o óculos. Será que o senhor pode comprar um óculos pra dar pra ela?” Aí na época a gente também adotou essa cartinha porque ele mandou a cópia da receita. Então assim, tem cartas que emocionam. Tem cartas também que os clientes... é sempre com cliente, que não chegava carta dela, do filho dela. Ela pedia pra ler, não pode, é antiético, mas ela não sabia ler, né, era ignorante mesmo, não tinha estudo nenhum, morava sozinha. Aí toda vez que chegava carta eu abria. Ela abria e eu lia e contestava, ela falava do filho dela que estava na Bahia, que nunca esteve lá. Ela chorava, eu chorava junto.

P/1 – Vocês têm alguma?

R/1 – De Papai Noel também eu adotei uma. A família ficou tão contente porque era uma cartinha e estava pedindo pra três crianças, né, na época eu não podia, não tinha condição de dar pros três, né? Aí eu comprei um jogo pra brincar a família toda. Aí cheguei lá pra entregar, nossa, ficaram tão contente. Inclusive eu fazia entrega na região, nossa, pegaram um respeito por mim ali, em consideração, né? Parecia que eu era da família, depois dessa.

P/1 – Quer dizer, você adotou a cartinha, você entregou o brinquedo pra família?

R/1 – Isso, eu mesmo entreguei pra família.

R/3 – . Eu também já fui entregar um brinquedo na comunidade, né? Aí você vê, tem aquelas cartas que são escolhidas, você já tem o endereço pra entregar, mas quando você chega na rua que a criança dá aquele monte de brinquedo. Aí você tem aquele endereço certo da carta, aí você fica até meio sem graça porque você já tem aquelas pessoas pra você vai entregar, então não dá pra dar presente pra todo mundo. Aí você vê a criança: Tio, não tem pra mim?”. Aí não tem como. Aí a gente levava uns docinho e dava um docinho pras crianças que não tinha, mas dava dó. Você vê que não tinha condições, que era criança bem pobre, né?

R/2 – É, e pelo que escreve é muito humilde. Pediam meia, roupa, que falam que as meias são furadas. Pra ir pra escola na aula de educação física, que na hora que tira o sapato as outras crianças são rindo deles. Pede calcinha. Já li carta também pedindo calcinha, que a dela estava tudo furada. Essa também a gente adotou. A gente não pode adotar todas, né, na verdade tem muita gente que participa, né, que adota.

P/1 – Bom, e hoje, tem alguma pergunta que vocês acham interessante? Alguma coisa que eu não tenha perguntado sobre essa experiência

profissional de vocês no correio, que vocês gostariam de...

R/1 – Eu queria só complementar. Que a minha esposa também eu conheci ela também no correio, na unidade que trabalhava, era motociclista e a gente foi na festa de um colega, aí eu fiquei admirado, né, gostei dela. Falei: “Eu vou investir”. Investi e casei, agora tô com uma filhinha. Então o correio também me proporcionou uma família.

P/1 – E o que que a sua esposa faz lá?

R/1 – Carteira feminina.

R/2 – Eu também, né?

R/3 – Você já falou isso.

R/2 – Já, mas vou falar de novo. O Lindomar também, a gente se conheceu. Ele era carteiro da onde eu morava, região do Embu. A gente teve o maior contato nas corridas dos Correios, na Corrida do Carteiro. Aí a gente se aproximou, começou a ficar, começou a namorar. Tá noivo, vamos casar em Janeiro e compramos nosso apartamento juntos. Ai.. (risos)

R/3 – Quem sabe também eu caso com alguém dos Correios e nós fica tudo em família?

R/2 – Olha só, hein Dé.

R/3 – Quando eu tiver com uns quarentinha.

R/2 – Ô louco.

R/3 – De preferência. Não pode ainda, né?

P/1 – Tem Corrida dos Carteiros? Vocês participaram?

R/2 – Tem, Corrida e Caminhada do Carteiro. O meu namorado ele é corredor, ele é atleta também. Mas tem, foi lá que a gente teve um maior entrosamento.

P/1 – Você correu junto com ele?

R/2 – Não, eu caminhei. Ele correu, mas tem todo ano. Todo ano tem Corrida dos Carteiros.

P/1 – E você também já, Edilson?

R/1 – Não, eu nunca participei da Corrida ainda não. É mais fácil campeonato de futebol. Também é proporcional, funciona, né? Que nem hoje eu falei, né, eu tô um pouco sedentário. Eu preciso voltar a praticar esporte.

R/3 – Nosso esporte agora é truco, a gente participa do campeonato de truco que é mais fácil.

P/1 – Gente, bom, e hoje em dia, quais são as coisas mais importantes pra vocês, na vida?

R/1 – Bom, pra mim é família. Minha família de um modo geral é minha esposa, meu filho, meus irmãos, meus pais e trabalhar, crescer dentro da empresa e me dedicar também pela empresa.

R/2 – Eu também, minha família em primeiro lugar. Em geral também os meninos, os irmãos, minha mãe, meu namorado, a nova família que eu vou construir, a empresa também, procurar sempre me dar, sempre um pouco mais pela empresa, crescer, assim, porque depois que eu entrei as coisas começaram a fluir mais, tirei habilitação, a primeira, é impossível. Eu terminei a faculdade. A gente comprou o apartamento.

R/1 – Pagar condomínio.

R/2 – É, ficar aguentando agora, né? Eu vou casar com o rapaz dos Correios, então é assim. O importante é a família, continuar na empresa, continuar crescendo na empresa, né Dé?

R/3 – Eu também, minha família, e também viso adquirir mais conhecimentos que a gente tem que tá aprendendo. Meu objetivo é esse. É crescer pessoalmente, profissionalmente, adquirir conhecimento e conviver bem com a família e com os colegas de trabalho e amigos.

R/1 – Casar, né?

R/3 – Não, casar não tenho tanta pressa, mas eu quero também.

R/2 – Que pressa!

P/1 – E o que vocês gostam de fazer sem ser trabalho, na hora de lazer, o que que vocês gostam de fazer?

R/1 – Eu gosto de ficar com a minha família. Churrasco, com meus pais, com a minha mãe. Eles estão separados, na casa da mãe, churrasco na casa do meu pai. Futebol, assistir o Corinthians, foi campeão de novo. É o que eu gosto, né, meu lazer é esse.

R/3 – Eu também, eu gosto de churrasquinho, gosto de ir num samba todo fim de semana, pelo menos uma roda de samba...

R/2 – Tá vendo?

R/3 – Eu gosto do videogame ainda, de ver o Coringão ganhar também e essas coisas. Jogar um baralho.

R/2 – Eu também, com a família, sempre os meninos, a mãe, um churrasquinho, que sempre tem churrasco lá em casa. Gosto de passear, gosto das corridas, de acompanhar o Lindo nas corridas e eu faço a caminhada. Gosto assim de estar numa área verde, onde a gente mora tem muito verde. Eu gosto de tá indo sempre em parque ecológico, gosto bastante. Enfim, gosto também de tá lendo, gosto bastante.

P/1 – E o que que foi pra vocês aqui nessa experiência de gravar a história de vocês, de dar aqui esse depoimento.

R/1 – Acho muito bom, interessante e me sinto valorizado. Tô me sentido valorizado e é um reconhecimento, com certeza. Em fazer parte de um livro, de um, né, um site de um Museu, fazer parte da história do Museu me sinto valorizado com certeza.

R/2 – Eu também.

R/3 – É, porque são poucos, né? A gente foi escolhido no meio de tantos funcionários que tem na empresa, então a gente sente orgulhoso, né?

R/2 – Ah, eu também.

R/3 – Sou meio tímido por causa da câmara, mas me senti orgulhoso.

R/2 – Ah, eu a mesma coisa. Me sinto assim, depois de dez anos que eu tô na empresa. A gente fez parte dessa história. Nós sermos escolhidos assim, sinto uma homenagem, lisonjeada. Tô tão feliz.

P/1 – São méritos, né?

R/1 – Com certeza, não é toa, né?

P/1 – Todo esforço de vocês, né. Então olha gente, foi um grande prazer conversar com vocês. Realmente foi muito legal pra mim também. Se vocês quiserem colocar mais alguma coisa, fiquem à vontade, senão é isso por hoje.

FINAL DA ENTREVISTA